

Os heróis do ensaio de Euclides da Cunha

CARVALHO, Ricardo Souza de

Resumo

A partir de menções esparsas que Euclides da Cunha fez ao escritor britânico Thomas Carlyle, entre 1894 e 1903, propõe-se uma concepção do gênero ensaio que orienta as obras *Os Sertões* e *Contrastes e confrontos*. Carlyle teria oferecido a Euclides uma representação da História emocionante como a literatura e baseada na figura paradigmática do *herói*. No entanto, o autor brasileiro modifica essa matriz devido às determinações do meio brasileiro.

Palavras-chave: Euclides da Cunha – Thomas Carlyle – Ensaio – Herói.

Abstract

From Euclides da Cunha's mentions about the British writer Thomas Carlyle, between 1894 and 1903, proposes a discussion about essay genre in the works *Rebellion in the Backlands* and *Contrastes e confrontos*. Carlyle would have offered to Euclides a representation of the history as literature, based on the paradigmatic figure of the hero. However, the Brazilian author modifies this perspective due to the Brazilian context.

Keywords: Euclides da Cunha – Thomas Carlyle – Essay – Hero.

Ao que se saiba, Euclides da Cunha nunca utilizou a palavra *ensaio* para designar sua obra em prosa não ficcional, *Os Sertões* (1902) e as coletâneas que reúnem parte de sua produção jornalística, *Contrastes e confrontos* (1907) e *À margem da História* (1909). Essa ausência da denominação *ensaio* não seria exclusividade de Euclides, pois no Brasil não havia um uso extensivo como na Europa do século 19. Tomando apenas os títulos das obras, a palavra estaria circunscrita ao estudo de uma área mais específica e de viés cientificista, propostos sintomaticamente pelos membros da chamada “Escola

do Recife”, a exemplo dos livros *Ensaio e estudos de Filosofia e crítica* (1875), de Tobias Barreto e *Ensaio sobre a Filosofia do Direito* (1895), de Silvio Romero. Os títulos geralmente trazem outros termos para realizações que podem ser entendidas como ensaio, a exemplo dos livros *Aspectos da Literatura Colonial Brasileira* (1896), de Oliveira Lima, e *Escritos e discursos literários* (1901), de Joaquim Nabuco.

Contudo, a fortuna crítica euclidiana tem se valido do termo *ensaio* com certa frequência para caracterizar textos que transitam entre a literatura e outros campos do conhecimento, em consonância

com um gênero variável na forma e nas intenções. Além disso, tal abordagem vincula-se mais a uma tradição ensaística do pensamento brasileiro, em detrimento das relações dos escritos de Euclides com uma prática literária que se consolidava na Europa do século 19.

A imprensa promoveu a expansão do que se pode chamar ensaio.¹ Como indício de seu reconhecimento literário, os ensaios poderiam ser publicados em livro, formando uma obra coesa ou uma coletânea. Mas, ao que tudo indica, Euclides desconfiava da relevância do livro que nascia das páginas efêmeras dos jornais. Em grande parte, os textos produzidos para o jornal representavam para ele uma espécie de esboço para uma obra mais bem acabada. Dessa maneira, a série “Canudos (diário de uma expedição)”, que enviou como correspondente de guerra a *O Estado de São Paulo*, entre agosto e outubro de 1897, é uma preparação – ou ainda *ensaio* – para *Os Sertões*. Aliás, o próprio jornal anunciara que, além das reportagens, também faria estudos para “escrever um trabalho de fôlego”, um “valioso documento para a história nacional” (Andrade, 2002, p.130). Cioso quanto ao impacto que sua obra de estreia causaria, o escritor apenas se permitiu divulgar um “Excerto de um livro inédito”, em 19 de janeiro de 1898, referente ao capítulo III da parte *O Homem*. Talvez a percepção de uma literatura fácil e fragmentária tenha afastado Euclides da divulgação jornalística e do termo *ensaio*, preferindo a dignidade do livro inédito, ancorado na ciência e na historiografia.

Por esses motivos, não seria de se estranhar um aparente desprezo com que Euclides comentou a

primeira coletânea de seus textos jornalísticos, em carta de 31 de dezembro de 1906 ao amigo Escobar:

Um editor português (com a mania do suicídio) reuniu uns vinte artigos meus, pespegou-lhe o título *Contrastes e confrontos*, pediu um prefácio ao Bruno – o fantástico Pereira de Sampaio – e arranjou um livro que dentro de 15 dias aqui chegará. Não será bem um livro – mas agradeço ao Joaquim Leitão (o tal descabeçado) o pensamento. Tais artigos são uma espécie de filhos naturais do espírito, mais descuidados, talvez, porém às vezes dignos do nosso amor (Galvão; Galotti, 1997, p.322).

Por um lado, existe um esforço em desqualificar uma publicação que não chega a ser um livro e se eximir de qualquer responsabilidade: os textos são minimizados como “uns vinte artigos” publicados por um terceiro longínquo e não confiável. Por outro, contraditoriamente, Euclides releva a falta do “descabeçado” editor português, ao confessar certo sentimento para com esses “filhos naturais do espírito, mais descuidados, talvez, porém às vezes dignos do nosso amor”. Embora não se trate do livro “vingador” e bem planejado de 1902, tal linguagem familiar, não usual em Euclides, pode trair uma ilustre filiação. Na advertência ao Leitor, Michel de Montaigne, que em 1595 lançara o gênero *ensaio* reverenciado pelos séculos seguintes, apresentava-se sem pretensões: “[...] eu não me propus a nenhum fim, a não ser doméstico e privado [...] Eu quero que me vejam em minha maneira simples, natural e ordinária, sem estudo e artifício. [...] Assim, Leitor, sou eu mesmo a matéria de meu livro [...]” (Montaigne, 2001, p.53). Tal perspectiva subjetiva da tradição do ensaio pode justificar a inclusão em *Contrastes e confrontos* do texto inédito “A Esfinge”, que traz a indicação “De um diário da revolta” e a data de 8 de fevereiro de 1894. Em meio ao narrador da história e do analista da política internacional, predominantes nos demais ensaios, surge o próprio Euclides aos 28 anos registrando o encontro furtivo na calada da noite com o presidente Floriano Peixoto, quando dirigia as obras de fortificação em plena Revolta da Armada, deflagrada no ano anterior. Em lugar do discurso sobre um momento crucial para o regime republicano ao feitiço do jornalista militante, o diário estimula o experimento do narrador que faz as vezes de um ficcionista em torno da tensão das tarefas em terra firme, da ameaça dos navios ancorados na baía mergulhada na escuridão e de suas conjecturas. Não se sabe se “A Esfinge” seria a recuperação de um diário da juven-

1 Alexandre Eulalio (1992, p.50) comentou a interdependência entre ensaísmo e jornalismo no Brasil: “[...] Sinônimos imperfeitos, articulismo e ensaísmo são obrigados a coincidir de todo nas condições do Brasil; [...] Daí a importância das seções fixas ou da colaboração constante em jornais e revistas, coletadas mais tarde em volume. [...] Muito mais corrente em nossa literatura pode parecer ao primeiro momento, e por isso aceita como irremediável, o universal da prática fez com que o articulismo de ensaio fosse com o tempo considerado a forma mesma da expressão do gênero, votando a uma irrecorrível efemeridade mesmo aquilo que de mais importante pudesse aparecer debaixo dessa forma. Sem ter sido o único, Sílvio Romero foi o ensaísta que de maneira mais veemente se recusou a esse fragmentarismo consagrado, preferindo sectionar, revistas e folhas afora, seus estudos quase todos eles de dimensões ponderáveis”.

tude não preservado, reconstrução da memória ou até mesmo uma interseção dos dois; o que importa é considerá-la peça seminal para a compreensão do ensaio de Euclides.

Ainda no começo, ele expõe o dilema entre as atribuições da profissão de engenheiro e a dedicação às letras, que marcaria sua trajetória. Diante da mudança das obras de fortificação do morro da Saúde para as Docas Nacionais, uma afeição literária o redimiria de uma situação tão adversa às suas inclinações: “Acompanhei-os; e não esqueci um adorável companheiro e mestre, Thomas Carlyle, em cujas páginas nobremente revolucionárias me penitencio do uso desta espada inútil, deste heroísmo à força e desta engenharia mal-traçada...” (Cunha, 1995, p.200). A menção tão destacada ao escritor britânico Thomas Carlyle (1795-1881) pode explicar alguns parâmetros da obra euclidiana.

Muito lido e discutido no século 19, Carlyle, assim como Euclides, enveredou-se pela prosa não ficcional, mas com estreitos vínculos literários. Na melhor tradição de um gênero que nesse momento tinha a Inglaterra como principal modelo, publicou inúmeros ensaios sobre os mais variados assuntos em periódicos como o prestigioso *Edinburgh Review*, que depois comporiam uma série de volumes. A história é um de seus maiores interesses nos ensaios e em obras de maior fôlego, sendo *French Revolution: a History* (1837) uma das mais conhecidas. O elogio das “páginas nobremente revolucionárias”, feito por Euclides, talvez se refira a esse livro, uma vez que a Revolução Francesa estimulava os ideais republicanos de sua poesia de juventude.

Portanto, em 1894, quando Euclides ainda se dividia entre a poesia e os textos jornalísticos como forma de expressão, a leitura de Carlyle pode ter sido reveladora de uma maneira empolgante e expressiva de se escrever sobre o que ocorreu, semelhante à de um poema épico ou de um romance. Enquanto na Europa, nesse final de século 19, a história se afastava da literatura para se especializar como disciplina legitimada pela ciência, tal recuo de Euclides a um escritor anterior à consolidação desse processo indica uma estratégia frente às condições de produção de conhecimento no Brasil ainda não propícias a essa separação. Além disso, por mais que se encarasse como homem de ciência, não se livrava de uma sensibilidade romântica que o fazia se identificar com autores e obras dos anos de 1830 e 1840.

A biografia foi o gênero por excelência escolhido por Carlyle para combinar a história e a ficção

narrativa: “A História do mundo nada mais é que a biografia dos grandes homens” (Dosse, 2009, p.163). Muitas vezes, a forma do ensaio, em livres pinceladas, criava um quadro ou um perfil da personagem histórica tomada como um herói superior a todos e condutor dos acontecimentos. Ao contrário do distanciamento entre o autor e seu objeto exigidos pela história científica, Carlyle ansiava por uma interpenetração entre as partes: “Não basta julgar o herói, é preciso também transfundir nele o próprio eu” (Dosse, 2009, p.164).

O autor britânico idealizou uma tipologia de heróis em seis categorias representadas por figuras proeminentes: o herói como divindade (Odin, da mitologia e do paganismo escandinavos); profeta (Maomé); poeta (Dante e Shakespeare); predicador (Lutero e John Knox); homem de letras (Rousseau, Johnson e Burns); e soberano (Cromwell e Napoleão). Este último encarnaria um espírito revolucionário, que reuniria em si as possibilidades da perfeição política: “Que em todos os países encontremos o *homem que*, que o elevemos ao patamar supremo da nação e que o tratemos com a mais leal deferência: eis o único meio de instaurar um governo perfeito” (Dosse, 2009, p.165).

Ao acreditar na nobre concepção de herói proposta por Carlyle, o jovem Euclides não a reconheceria em seu entorno, a começar pelo seu “heroísmo à força”. E, acima de todos, Floriano Peixoto decepcionaria esse ideal. Como se fosse uma aparição fantasmagórica, o presidente surge sorradeira e anonimamente apenas no fecho do ensaio. O narrador se fixa em sua fisionomia, cujo desenho esboça em traços incisivos um parecer sobre a personagem: “A meia penumbra da claridade em bruxuleios, lobriguei um rosto imóvel, rígido e embaciado, de bronze; o olhar sem brilho e fixo, coando serenidade tremenda, e a boca ligeiramente refogada num rictus indefinível – um busto de duende em relevo na imprimidura da noite, e diluindo-se no escuro feito a visão de um pesadelo.” A derradeira frase reduz a alusão mitológica à constatação prosaica: “... e a Esfinge, quebrando a imobilidade da pedra, veste um *paletot* burguês e vem – desconfiadamente confiante – rondar os lutadores...” (Cunha, 1995, p.204).

Dez anos depois, Euclides voltaria a Floriano no ensaio “O Marechal de Ferro”, divulgado inicialmente em *O Estado de São Paulo*, e recolhido em *Contraste e confrontos*. Mesmo sem citá-lo diretamente, Euclides ainda considerava o tipo do “herói-soberano” de Carlyle. Ao contrário da fama de Floriano em seu tempo, o atributo não lhe cor-

responderia sob um exame recuado, tornando-se uma espécie de “herói negativo”, uma vez que seu crescimento pressupunha a queda do país:

O herói, que foi um enigma para os seus contemporâneos pela circunstância claríssima de ser um excêntrico entre eles, será para a posteridade um problema insolúvel pela inóxia completa de atos que justifiquem tão elevado renome. É um dos raros casos de grande homem que não subiu, pelo condensar no âmbito estreito da vida pessoal as energias dispersas de um povo. Na nossa translação acelerada para o novo regímen ele não foi uma resultante de forças, foi uma componente nova e inesperada queorceu por algum tempo os nossos destinos.

Assim considerado, é expressivo. Traduz de modo admirável, ao invés de sua robustez, a nossa fraqueza.

O seu valor absoluto e individual reflete na história a anomalia algébrica das quantidades negativas: cresceu, prodigiosamente, à medida que prodigiosamente diminuiu a energia nacional. Subiu, sem se elevar – porque se lhe operara em torno uma depressão profunda. Destacou-se à frente de um país, sem avançar – porque era o Brasil quem recuava, abandonando o traçado das suas tradições... (Cunha, 1995, p.129).

Euclides, no entanto, vislumbrou no período colonial alguns “heróis” na acepção de Carlyle em duas figuras antípodas. A primeira delas seria “Anchieta”, matéria do ensaio publicado em *O Estado de São Paulo*, em 9 de junho de 1897, por ocasião das comemorações do quarto centenário da morte do jesuíta, e reunido em *Contrastes e confrontos*. A “missão evangelizadora” com os indígenas faria de Anchieta “síntese de uma época”, uma espécie de “herói-predicador”: um “Grande homem, segundo a definição profunda de Carlyle, a sua história abrange um largo trecho da nossa própria história nacional” (Cunha, 1995, p.145).

Mais tarde, entusiasmado com o “perfil literário” sobre Gregório de Matos escrito por Araripe Junior, remontou mais uma vez a Carlyle, à luz das condições do meio brasileiro, trocando a “Providência divina” pela “fatalidade biológica”. A carta ao amigo, de 12 de março de 1903, expande-se em um ensaio, cuja forma, mais livre do que os textos publicados, é percebida e interrompida pelo próprio Euclides: “Mas noto a tempo o desgarrão que me desorienta, escrevendo, rápido, estas linhas, tomando-lhe o tempo e expondo aí, desalinhas e em flagrante, a impressão ou antes uma das impressões que me deixou seu belo livro.” (Cunha, 1997, p.155-156).

Segundo Euclides, o poeta satírico teria se sobressaído por ser o fruto mais expressivo de um Brasil em formação:

Mais do que o homem, biologicamente falando, Gregório de Matos foi um admirável órgão social quase passivo, feito uma alavanca, cuja força eram as próprias forças coletivas: uma máquina simples em que se corporizaram muitas tendências da raça nova que surgia. Foi “herói” na alta significação dada à palavra pelo dramático Carlyle: prefigurou, fundindo-se na sua individualidade isolada, muitos aspectos de um povo.

E passou pela vida obedecendo à fatalidade mecânica de uma resultante intorcível: incorrigível, rebelde sempre à visão estreita dos que pensavam morigerá-la, como se houvesse preconceitos ou regras para estes *avant-coureurs* das nacionalidades, títeres privilegiados, arrebatados pelas leis desconhecidas da história. Foi um grande sacrificado o desenvolvimento folgazão! E maior que os seus emulos, de Juvenal a Bocage, a sua sátira, em que pese ao tom ferocíssimo e maligno, pertence-lhe menos do que às rebeldias nascentes e relaxamentos inevitáveis de uma sociedade em que se chocavam os vícios de um povo velho, agravados pela “bebedeira tropical” e os instintos inferiores de duas raças bárbaras.

Desta alquimia horrorosa, tendo como reagentes o deslumbramento solar, a canícula mordente e a terra fecunda, só podia surgir naquela retorta Bahia desmedida aquele precipitado.

Foi tão natural e espontâneo que ainda não se extinguiu. Difundiu-se em dois séculos, e aí está, impressionante, nesta adorável capadoçagem nacional que atenua em boa hora a nossa melancolia de semibárbaros... (Cunha, 1997, p.155).

Insinuaria Euclides uma categoria brasileira, a do “herói-capadócio”? De todos os modos, uma outra Bahia, a dos sertões, obrigara Euclides a ampliar a tipologia dos heróis de Carlyle, a do “herói-pelo avesso”. A reportagem de 23 de agosto de 1897 enviada a *O Estado de São Paulo*, como muitas outras, configura-se na forma de ensaio para o livro em gestação. O retrato do líder dos canudenses, Antonio Conselheiro, oscila entre a ojeriza do “monstro” e o fascínio pelo “herói-profeta” que liderava uma multidão de fanáticos:

[...]

À medida que nos avantajamos no passado aparecem de um modo altamente expressivo as diversas fases da existência desse homem extraordinário – fases diversas, mas crescentes e sempre numa sucessão harmônica, lógicas nas suas mais bizarras ma-

nifestações, como períodos sucessivos da evolução espantosa de um monstro.

Diante de tudo isto, é singular a teimosia dos que de algum modo o querem nobilitar, alteando-o ao nível de simples mediocridade agitada ou maniaco imbecil, quase inofensivo – arrancando-o, erguendo-o da profunda depressão em que jaz como homem fatal, tendo diametralmente invertidos todos os atributos que caracterizam os verdadeiros grandes homens.

Tudo é relativo; considerá-lo um fanático vulgar é de algum modo enobrecê-lo.

A matemática oferece-nos neste sentido uma apreciação perfeita: Antonio Conselheiro não é um nulo, é ainda menos, tem um valor que aumenta segundo o valor absoluto da sua insânia formidável.

Chamei-lhe por isto, em artigo anterior – grande homem pelo avesso.

Gravita para o *minimum* de uma curva por onde passaram todos os grandes aleijões de todas as sociedades. Mas está em evidência; não se perde no anonimato da mediocridade coletiva de que nos fala Stuart Mill, embora seja inferior ao mais insignificante dos seres que a constituem. (Cunha, 2000, p.122-123).

Desta vez, as imposições do meio seriam muito mais perversas do que no caso de Gregório de Matos; mas subsistiria em Antonio Conselheiro um valor que poderia ter florescido em um ambiente mais favorável:

Além disto, as condições mesológicas nas quais devemos acreditar, excluídos os exageros de Montesquieu e Buckle, firmando um nexos inegável entre o temperamento moral dos homens e as condições físicas ambientes, deviam formar, profundamente obscura e bárbara, uma alma que num outro meio talvez vibrasse no lirismo de Savonarala, ou qualquer outro místico arrebatado numa idealização imensa. Porque, afinal, impressiona realmente essa tenacidade inquebrantável e essa escravização a uma ideia fixa, persistente, constante, nunca abandonada.

Que diferença existe entre ele e os grandes *me-neurs de peuples* de que nos fala a história? Um meio mais resumido e um cenário mais estreito apenas.

Dominando há tanto tempo, irresistivelmente, as massas que cegamente lhe obedecem, sua influência estranha avolumou-se, cresceu sempre numa continuidade perfeita e veio bater de encontro à civilização.

Se recuássemos alguns séculos e o sertão de Canudos tivesse a amplitude da Árabia, por que razão não acreditar que o seu nome pudesse aparecer, hoje, dentro de um capítulo fulgurante de Thomas Carlyle? (Cunha, 2000, p.123-124).

Mesmo não sendo a Árabia, Euclides escreveu um “capítulo fulgurante” sobre Antonio Conselheiro ao estilo de Carlyle, o capítulo IV da parte “O Homem” d’*Os Sertões*. O gênero biográfico delimita a personagem como súpula de toda uma coletividade: “A sua biografia compendia e resume a existência da sociedade sertaneja.” (Cunha, 2001, p.257). E assim como os heróis positivos de Carlyle, mas no sentido inverso, Antonio Conselheiro ao mesmo tempo conduz a todos e é conduzido por uma força maior:

O evangelizador surgiu, monstruoso, mas autônomo. Aquele dominador foi um títere. Agiu passivo, como uma sombra. Mas esta condensava o obscurantismo de três raças.

E cresceu tanto que se projetou na História. (Cunha, 2001, p.268).

Parcimonioso em revelar suas fontes, Euclides não menciona Carlyle em *Os Sertões* como fizera nos ensaios esparsos. Contudo, para Joaquim Nabuco, leitor familiarizado com o ensaio inglês, era fácil detectar a sombra de Carlyle em Euclides. A rejeição d’*Os Sertões*, externada em carta a Graça Aranha de 1903, relaciona-se a uma diversa recepção de Euclides e Nabuco do ensaio inglês do século 19:

[...] Não é o caso somente de empregar a expressão tão expressiva *Les arbres empêchent de voir la forêt*; aqui a floresta impede também de ver as árvores. É um imenso cipó; a pena do escritor parece-me mesmo um cipó dos mais rijos e dos mais enroscados. Tudo isso precisa ser arranjado por outro, ou de outra forma. Eu nunca pude me afeiçoar a Carlyle, e este tinha o gênio por si! Esse livro caberia em poucas boas páginas. Não fico esperando nada do que se anuncia. Decerto, talento há nele, e muito, mas o talento, quando não é acompanhado da ordem necessária para o desenvolver e apresentar, há alguma coisa em mim que me faz fugir dele. Como lhe digo, falta-me a compreensão do cipó (Nabuco, 2006, p.527).

Nabuco leu com atenção os *Ensaio*s, de Francis Bacon, fundador do gênero entre os britânicos por volta do final do século 16 e começo do 17. Uma edição de 1896 em dois volumes que lhe pertenceu integra hoje o acervo da Fundação Joaquim Nabuco, em Recife, trazendo destaques e notas em alguns ensaios. Vale lembrar que, em 1896, o escritor esteve imerso na realização do monumental *Um estadista do Império* e, portanto, a tradição do

ensaio de Bacon pode ter lhe inspirado, entre outros. No século 19, o grande modelo de Nabuco foi Thomas Macaulay (1800-1859), enaltecido em *Minha formação*: “A frase, a eloquência, o retrato e a encenação histórica de Macaulay foram também uma influência permanente que se imprimiu em meu espírito;” (Nabuco, 2012, p.87-88). Por isso, ao condenar o estilo d’*Os Sertões*, Nabuco, de certa forma, estaria opondo Carlyle a Macaulay: de um lado, a “frase” e a “eloquência”, entendidas como exemplares; de outro, a linguagem cerrada e retorcida à maneira de um “imenso cipoal” que comprometeria tanto o objeto quanto o talento.

O “retrato” de Macaulay alude à reconstituição dignificante das figuras políticas em seus ensaios e

na sua principal obra, *The History of England* (1848-1861), uma das bases dos retratos do pai de Nabuco e dos outros estadistas do Segundo Reinado, culminando no de D. Pedro II. Por consequência, os políticos brasileiros são tratados com a mesma deferência de Macaulay pela Monarquia Britânica. Já Euclides, como se viu, preferiu o herói na forma vibrante de Carlyle, mas adaptada às determinações – ou melhor, imperfeições – do meio brasileiro. O ensaio entre a reflexão histórica e a ficção literária de *Os Sertões* e *Contrastes e confrontos* constituem uma “galeria subterrânea” da história brasileira: assim, haveria o “herói-capadócio” Gregório de Matos, o “herói-negativo” Floriano Peixoto ou o “herói-ao avesso” Antonio Conselheiro.

Referências

- ABBOTT, E. A. (1986). *Bacon's essays*. London: Longmans, Green and Co.
- ANDRADE, O. S. (2002). *História e interpretação de Os Sertões*. 4. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras.
- CUNHA, E. (1995). *Obra completa*. 2. ed. Afrânio Coutinho. (org.). Rio de Janeiro: Nova Aguilar. v. 2.
- _____. (2000). *Diário de uma expedição*. Edição de Walnice Nogueira Galvão. (org.). São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (2001). *Os sertões (campanha de Canudos)*. In: BERNUCCI, L. M. (org.). São Paulo: Ateliê Editorial, Imprensa Oficial do Estado, Arquivo do Estado.
- DOSSE, F. (2009). *O desafio biográfico: escrever uma vida*. Trad. Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Edusp.
- EULALIO, A. (1992). O ensaio literário no Brasil. In: WALDMAN, Berta; DANTAS, Luiz (orgs.). *Escritos*. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Editora da Unesp.
- GALVÃO, W. N.; GALLOTI, O. (orgs.). (1997). *Correspondência de Euclides da Cunha*. São Paulo: Edusp.
- MONTAIGNE, M. (2001). *Les Essais*. Paris: Le Livre de Poche.
- NABUCO, J. (2006). *Diários*. Edição de Evaldo Cabral de Mello. (org.). Rio de Janeiro, Bem-Te-Vi.
- _____. (2012). *Minha formação*. São Paulo, Editora 34.

Ricardo Souza de Carvalho é professor do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP), atuando no Programa de Literatura Brasileira (FFLCH). E-mail: <risocarvalho@hotmail.com>.

Recebido para avaliação em março de 2013. Aprovado para publicação em abril de 2013.